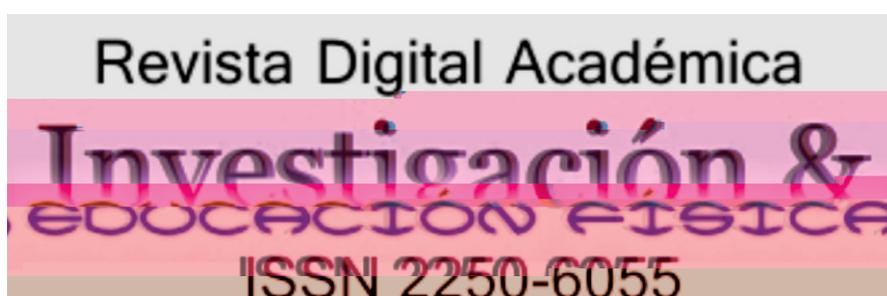


Instituto Cultural Argentino
Villa Mercedes - San Luis - Argentina

Gobernador Alric N° 374
Tel: 02657: 426855 - www.ica.edu.ar



Investigación y Educación Física es una Revista Digital de corte científico que tiene como misión la comunicación y la divulgación de material científico de la educación, la educación física y la investigación, ofreciendo un espacio de diversidad a la producción intelectual de profesionales y académicos.

Comité Científico

Dra. **Heidi Trujillo Fernandez** Coordinadora Oficina de Colaboración Internacional Dri. Cujae. La Habana. Cuba
Dr. **Jesús Castañón Rodriguez** (España)
Dr. **Miguel Vicente Pedraz** (España)
Dra **Graciela Baldi** Icaes- UNSL - Argentina
Dra. **Ana Marcia Silva** - Universidade Federal De Goiás - Brasil.
Prof. **Moleire Yomaira Aguilar** - Venezuela.
Lic. **Alejandro Bazan** - ICAES - Argentina
Profa. Dra. **Sara Q. Matthiesne** - Brasil
Mgter. **Sonia Pereyra** - ICAES | UNSL - Argentina
Mag. **Juan Manuel Negrelli**, IPEF - Córdoba, Argentina
Lic. **Maria Laura Gonzalez** - Universidad De Tucumán - Argentina
Dra. **Silvia Avila** - ICAES - Argentina

Director Editor: Esp. Sergio Ricardo QUIROGA
<icaefinv@yahoo.com.ar>

Rectora General : Dra. Silvia AVILA
Director Académico Icaef: Lic Alejandro BAZÁN
Director Capacitación y Extensión: Lic. José Luis BARROSO

**CUERPO Y SALUD A “FLOR DE LA PIEL”: REFLEXIONES ACERCA DE LA
CONCEPCIÓN DE PROFESORES DE EDUCACIÓN FÍSICA**

Angélica Teixeira da Silva

**Bolsista de Iniciação Científica/ CNPq e Discente do Curso de Educação Física da
Universidade Federal de Goiás**

Profa. Dra. Ana Márcia Silva

Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás

**Prof. Dr. Tadeu João Ribeiro Baptista Faculdade de Educação Física da Universidade
Federal de Goiás**

angel.lilica@hotmail.com

amarciasi/@gmail.com

Introdução

As questões relacionadas às concepções de corpo de professores de Educação Física atuantes na área escolar há muito vem sendo tratadas na literatura acadêmica (Barbosa, 1996), bem como as relações entre corpo e saúde (Vaz, 2002; Fraga, 2008; Mendes & Nobrega, 2009). Essa temática tem se mantido entre os objetos de estudo preferenciais da Educação Física em todos os seus campos de intervenção, seja na escola, na academia de ginástica, serviços de saúde dentre outros possíveis.

Concordando com Lüdorf (2005, p.244), observamos que os temas em questão possuem relevância para o campo da Educação Física, pois, afinal [...]

Independente da frente de trabalho, um dos atores mais reconhecidamente envolvidos com as demandas sócio-corporais contemporâneas e, obviamente, com a educação corporal, ainda que nas mais diferentes perspectivas, é o professor/profissional de Educação Física.

Ao falar sobre corpo enquanto tema de pesquisa, nos remetemos a Nóbrega (2001), pesquisadora que também observa fortes evidências de um ressurgimento do corpo na contemporaneidade. Assim sendo, o corpo, outrora submetido a repressões pelos contextos sociais, tais como repressões à valorização estética, ressurge agora aos contemporâneos, se relacionando com o atual contexto social, os inúmeros avanços tecnológicos e suas contradições. (Silva, Silva & Baptista, 2011).

Tais reflexões nos garantem ser esse um tema emergente no contexto atual que se configura em uma realidade de crescentes olhares ao corpo em suas múltiplas interpretações, seja nas questões pertinentes à saúde, seja nas questões pertinentes à corporalidade de forma mais abrangente. Destarte, o objetivo deste texto é identificar as concepções de corpo e saúde de professores e professoras de educação física que atuam em escolas da cidade de Goiânia (Estado de Goiás Brasil).

Meandros da pesquisa

O artigo é decorrente de pesquisa desenvolvida entre os anos de 2009 e 2010 com financiamento da Fundação de Amparo a Pesquisa de Goiás (FAPEG). Os sujeitos pesquisados foram 34 professores atuantes em 21 escolas, as quais são representativas de doze regiões administrativas de Goiânia (GO/Brasil); dentre essas, 13 são da rede municipal de ensino, 7 da rede estadual e uma conveniada (particular, porém com convênio com o Governo do Estado de Goiás).

Após o consentimento por escrito das secretarias de educação envolvidas, os professores responderam aos questionários contendo cinco blocos de questões que objetivavam evidenciar o perf sócio-econômico, a perspectiva de corpo e saúde (bloco 2, 9 questões), a compreensão de gênero e sexualidade e, por fim, acerca dos aspectos pertinentes

a sua prática pedagógica correlacionada a temática central de corpo, gênero e sexualidade. Foi destinado ao final também um espaço para que os professores manifestassem suas opiniões e sugestões acerca da temática da pesquisa. Neste texto, iremos analisar o primeiro e segundo blocos, ressaltando que as perguntas eram enfocadas nos interesses e comportamentos das estudantes com as quais cada professor investigado trabalhava. Além dos questionários, 8 professores (3 mulheres e 5 homens) foram selecionados por atenderem aos critérios de diversidade de experiência profissional e percepções, para participarem de uma entrevista semiestruturada, contendo um roteiro de quatro blocos de questões: Avaliação da formação; identificação dos problemas da prática pedagógica relativos a temática de corpo, gênero e sexualidade; prática pedagógica; e por fim políticas públicas.

Os sujeitos pesquisados: Quem são esses professores?

A partir dos dados coletados no questionário, podemos traçar um perfil sócio econômico dos professores pesquisados. Dos 34 professores pesquisados, 14 eram homens e 20 mulheres.

Dos pesquisados, a maioria tinha idade entre 21 a 30 anos (14 pessoas, correspondendo a 41%), onde desses, 6 eram mulheres e 8 eram homens; mostrando um perfil relativamente jovem, o que pode ser compreendido, talvez, porque a maioria dos pesquisados é da rede municipal a qual tem realizado renovação dos seus quadros com concursos sistemáticos para efetivação, diferentemente da rede estadual. 38% tinham idade entre 31 a 40 anos (10 mulheres e 3 homens); 9% tinham entre 41 e 50 anos de idade (2 mulheres e 1 homem); também 9% tinham entre 51 a 60 anos (também 2 mulheres e 1 homem) e 3% não informaram a idade (apenas uma mulher). Importante destacar que, segundo dados do IBGE (2010), a proporção de homens para mulheres em Goiás é de 0,966, sendo que os sujeitos desta pesquisa mantém essa relação, porém, com predomínio mais acentuado de mulheres.

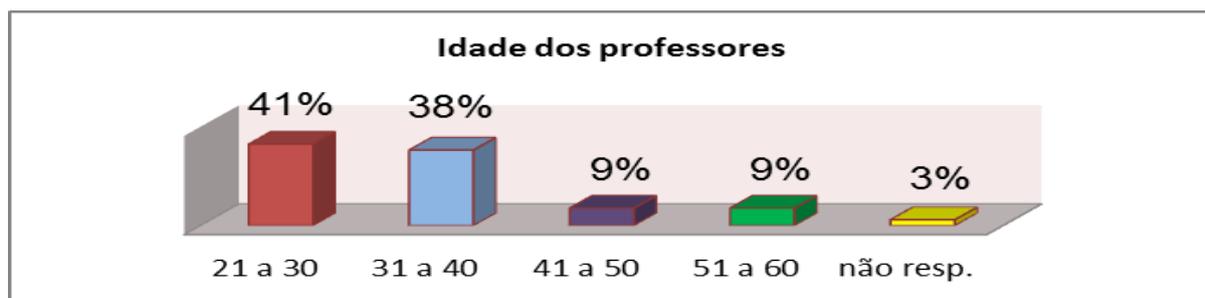


Figura 1. Faixa Etária dos professores pesquisados.

Quando questionados a respeito de sua renda familiar (Figura 3), 35% dos pesquisados informaram possuir renda de 3 a 5 salários mínimos¹ (7 mulheres, 5 homens), 32% informaram possuir uma renda de 5 a 7 salários (6 mulheres e 5 homens), 18% dos pesquisados possuem renda de 8 a 10 salários (5 mulheres e 1 homem), 9% tem renda de mais de 11 salários (apenas 3 homens) e por fim, 6% (apenas duas mulheres) não informaram sua renda familiar.

O estado civil da maioria dos professores é casado (53%), com um percentual de 44% solteiros e 3% divorciados. Em termos de opção religiosa, predominou entre os informantes a religião católica (47%), identificando-se, também, evangélicos (21%), outras religiões (24%) e pessoas que declararam não possuir nenhuma religião (6%). A maioria dos participantes também informa que possui imóvel próprio (79%) e automóvel (74%), assim como também possuem computador (94%) e acesso à internet (97%).

No que diz respeito à formação acadêmica e atuação profissional dos professores, 79% dos pesquisados dizem terem feito seu curso superior em instituições públicas situadas em Goiás; 12% relatam serem formados em instituições particulares, que se situam nos Estados de Goiás, São Paulo e Mato grosso, e 9% não informaram a instituição onde se graduaram.

¹ No Brasil existe uma tendência de se avaliar a renda a partir da quantidade de salários mínimos recebidos. Para se ter uma referência, em Dezembro de 2011 o Salário era de R\$ 645,00 (Seiscentos e quarenta e cinco reais).

Quanto ao tempo de formação, em sua maioria os professores estão formados há no máximo 5 anos (35%), o que, sugere um perfil de professores mais atualizados em relação à Educação Física e às demandas sociais. Dos demais, 21% possuem entre 6 e 10 anos, 24% possuem entre 11 e 20 anos de formados, 6% entre 21 e 30 anos e por fim, 3% tem de 31 a 40 anos desde a conclusão do seu curso de graduação.

Quando questionados acerca da formação continuada, 79% responderam ter feito diferentes cursos, apenas 18% responderam não o fizeram e 3% não responderam à pergunta. Acerca do tempo que lecionam, a grande maioria dos pesquisados (44%) responderam dar aula a menos de 5 anos; 15% dão aulas de 6 a 10 anos; 18% de 11 a 15 anos; 9% de 16 a 20 anos; 12% tem de 21 a 25 anos de docência e por fim 3% dão aula a mais de 25 anos.

Sobre o tempo de docência na mesma escola (Figura 2.), 29% dos professores relataram trabalharem esta a pouco tempo nas instituições de ensino em que se encontravam neste caso, menos de um ano; 18% trabalham a menos de 2 anos; também 29% trabalham de 2 a 5 anos; 6% trabalham de 6 a 10 anos e igualmente 6% trabalham de 11 a 15 anos na instituição; 3% trabalham de 16 a 20 anos na mesma escola e por fim 9% trabalha há mais de 21 anos na instituição.



Figura 2: Tempo de trabalho na escola pesquisada informado pelos professores pesquisados.

Esses dados nos permitem traçar relações entre o perfil sócio-demográfico dos professores, suas percepções de corpo e saúde, bem como, essas concepções influenciam em sua prática pedagógica e, assim nas possíveis concepções de corpo de seus alunos.

Que corpo é visto? Relações entre a percepção dos professores acerca dos corpos das estudantes.

A questão inicial do bloco 2 do questionário tinha o objetivo de verificar a sensibilidade dos professores em relação às necessidades das estudantes acerca de suas corporalidade que deveriam ser trabalhadas em sala de aula. Entretanto, dois professores homens disseram não observar nenhuma demanda, 27 professoras e professores identificaram necessidades de abordar esse tema e 5 professores que se abstiveram de responder a questão, dos quais, 2 eram homens e 3 eram mulheres.

Os professores que responderam essa questão (10 homens e 17 mulheres) em número expressivo cerca de 10 professores (P. 02, 10, 12, 19, 20, 21, 30, 32, 33, 34) relataram observar demandas relativas à compreensão de estética das estudantes, bem como, aquelas relativas à sensualidade precoce das mesmas, mostrada pela utilização de roupas e acessórios que chamariam certo tipo de corpo. P.34 diz observar que elas *s as curvas e as deixam*

Outro professor diz:

aparência física, a imagem e a utilização do corpo como mercadoria, este ultimo item
(P. 02).

Destacamos também uma fala de uma professora que relata observar pouca demanda *curtas e apertadas, o que acho correto evitando assim posteriores problemas neta faixa de*

idade (P.30). Essa forma de educação do corpo na escola se assemelha à organização da Educação Física portuguesa no início do Século XX, expressa no corpo das estudantes.

Ao vincar o carácter higiénico e formativo da actuação, e para que esta se afastasse de qualquer eventual semelhança com meras exhibições comerciais, as jovens estudantes envergavam sobre a pele um conjunto de alvura imaculada: camisa larga de manga curta, fechada à frente por pequenos botões, uma gola revirada, um pequeno bolso do lado esquerdo do peito, as iniciais da escola de formação de professores de educação física Inef bordadas em castanho escuro. Vestiam um calção-saia amplo, o pano liso e forte estendia-se até o joelho. Neste caso, a finalidade educativa e higiénica justificava a apresentação efectuada com ordem e obediência estreita a um plano superior (Hasse, 2009, p. 63).

Considera-se que se um corpo quer ser desejado, esse corpo precisa estar de acordo com os padrões estéticos vigentes, precisam se adequarem à definição de belo vigente e do moralmente adequado. Nesse sentido outros professores perceberam isso também (cerca de 6 professores: P. 01, 07, 22, 23, 27, 28,) ao responderem a essa questão relatando que muitas estudantes os procuram para ajudá-las a emagrecer, enrijecer e tonificar seus corpos pois anseiam por se adequarem ao padrão estético vigente e assim serem desejadas e cobiçadas pelo outro. Elas estariam

ano (Feminino, P. 22). Outra professora diz:

(P.4). Outro professor (P.1) observa também que há *exagerada pela beleza corporal, deixando em segundo plano questões como a saúde do*

. A busca por informações relacionadas à estética, sobretudo entre as mulheres, parece não ser tão recente, ainda que se observe uma antecipação do momento da vida em que isso ocorre. Alguns estudos apontam para a busca deste padrão corporal feminino, pelo menos desde o início do século XX, tanto em Portugal na década de 1920 (Hasse, 2009), como no Brasil, sobretudo, desde os anos 1930 (Goellner, 2009).

Numa visão mais biologicista, alguns professores (P.7, 15, 28) dizem observar demandas relativas a questões de higiene, alimentação; cuidados com o corpo em geral,

relacionando esse cuidado a saúde e a estética. Um professor (P.15) ao responder essa questão afirma a preocupação das estudantes

. Outra professora (P.7) fala sobre a preocupação das mesmas: [...] em relação a alimentação (hábitos alimentares) . Parece-nos que alguns professores observariam uma marca impressa da saúde na aparência das estudantes." o c" uc f g'c"hrqt-da-r grg 0

Outros professores (P. 05, 11, 16,) dizem observar que muitas o procuram por saber sobre a maturação biológica e sexual, buscando descobrir e entender as diferenças entre homem e mulher, assim como entender a maturação biológica, as mudanças dos corpos com o tempo. Segundo uma professora os alunos tem

(P.5).

De acordo com Baptiuc"gv'ci' 42 2."r 0 : " qfg-se também deduzir que para os informantes ocorre uma aproximação entre a noção de saúde e de estética (beleza do corpo) [...] . Essa forma de pensar a saúde não deixa de estar vinculada à perspectiva de saúde de senso comum. Temos trabalhado com a concepção de saúde compreendida na dimensão do corpo vivo ou no

Reconhecimento da saúde como verdade do corpo, no sentido ontológico, não somente pode, mas deve admitir a presença, em termos precisos, como controle e muro protetor da verdade em sentido lógico, ou seja, da ciência. Certamente, o corpo vivido não é um objeto, mas, para o homem, viver é também conhecer. [...] Então, preciso aprender a conhecer o que elas são para poder mudá-las (Canguilhem, 2005, p. 48).

Ao responderem a essa questão, alguns disseram tomar a temática do corpo apenas quando sentem a necessidade em seu contexto de aula (professores: P. 05, 14, 28, 30, 34).

Uma professora diz que discute: (P. 30).

Outro coletivo significativo de professores (professores: P.01, 02, 03, 04, 06, 08, 10, 17, 20, 21, 32) informa discutir o corpo numa perspectiva mais crítica, tomando por ponto de

partida a influência midiática sobre esse, uma tentativa de esclarecer às estudantes algumas relações do corpo com a indústria cultural de perspectiva reificante. Em entrevista, uma professora menciona:

[...] trabalhei a questão da mídia e atividade física. Porque tanto a valorização da atividade física, por que a valorização do corpo, porque o endeuamento do corpo [...] Eu procuro trabalhar as duas coisas[...]a questão fisiológica, da... intensidade da atividade física, tudo isso né? Como deve fazer exercício físico, [...], mas também a contextualização [...] Porque que faz? A mídia explora muito isso aí, tem muita coisa por trás né? Aí eu procuro trabalhar os dois conteúdos." (P.1).

Uma professora diz:

(P. 4). Outro

professor diz:

(P. 21). Parecendo abordar a partir de

uma perspectiva interdisciplinar outro professor relata:

discutidas em inter-relação com a disciplina ciências onde tentamos trabalhar uma consciência corporal mais autônoma e dissociada dos arquétipos corporais

(P.10).

Num relato mais abrangente, um professor diz:

conteúdos trabalhados, inevitavelmente o corpo é ressaltado, seja em conteúdo que envolva sua estrutura biológica (partes do corpo humano, funcionamento, etc.); conteúdos culturais (como capoeira, dança que estão sendo trabalhados) ou a própria inserção deste corpo no contexto social (novas danças, televisão, padrões de beleza, preconceito, etc.) (P. 6).

Outra professora diz: *Nas disciplinas de dança, a questão do corpo está muito*

aos toques de outros colegas, o lugar que o corpo ocupa no meio, etc.[...] (P. 8).

movimentar, pois o movimento proporciona um crescimento saudável (P. 19). Essa declaração parece se relacionar a aspectos pertinentes a uma concepção de Educação Física mais voltada à aptidão física e/ou ao desenvolvimento das capacidades físicas.

Foi ressaltada também pelos professores (P. 05, 12, 31, 33,) a discussão de aspectos relativos ao cuidado com a alimentação e higiene, presentes na fala de uma professora (P. 5) que diz que é necessidade discutir . Outra professora (P. 23) relata:

nada. E outras não se importam . Tais dados informam a complexidade do tratamento dado ao corpo e a saúde pelos indivíduos, assim como também pela prática pedagógica em Educação Física, sempre carregada de ambigüidades. Sobre isso, comenta Vaz (2003, p. 65):

O processo de racionalização do corpo, [...] , tem como desdobramento necessário a sua reificação, sua transformação em objeto manipulável, operável, medido, programado, algo que, aliás, qualquer anatomista, preparador físico ou mesmo atleta sabe como funciona.

Os dados indicam uma possível visão segmentada entre corpo e mente ao discutirem Isso pode também nos incitar a reconhecer a estetização da saúde, uma mescla entre aparentar saúde e realmente ser saudável mais interligada ao conceito de saúde como ausência de doenças.

Alguns professores (P. 04, 03, 09, 16, 17, 30, 32) informam discutir a questão da Nessa perspectiva, uma professora indica ser necessário:

(P.17). Os professores também acreditam na

importância de se discutir a sexualidade, a mídia e o corpo, como indica um dos sujeitos (P.10):

Essa observação pode referir-se a uma crítica à indústria cultural e às influências midiáticas, bem como ao processo de fetichização-reificação dos corpos tomados como objetos de desejo e consumo.

Alguns professores (P. 02, 06, 08, 12, 15, 19, 30 31) observam que as estudantes têm curiosidades sobre questões pertinentes ao corpo e a sexualidade; aqui, destacamos a frase da professora (P. 12) sobre tais questões que interessariam as estudantes:

As estudantes procurariam, então, saber como se manterem nos padrões estéticos desejáveis, numa tentativa talvez de expressar corporalmente seus caracteres sexuais, numa forma simbólica de representar uma maturidade psicológica ou sexual. Vejamos a declaração de uma professora (P.30): *Só vejo que as meninas procuram mostrar de certa forma que já*

verdade não p

De acordo com 12 professores, as estudantes teriam também interesse em saber como o corpo se comporta em relação à sexualidade. Podemos destacar a fala de um professor, ao dizer:

(P. 20). Uma professora diz também que elas teriam interesse em conhecer sobre

(P. 5).

Uma professora destaca que:

Isso dependerá da faixa etária apesar de trabalhar no ciclo I (turmas A, B e C, entre 06 e 10 anos) percebo interesses diferentes: inicialmente curiosidades que dizem respeito ao órgão sexual (diferenças entre homem e mulher, com o tempo mais evidente nas turmas C observa-se interesse em relações ao sexo oposto envolvendo afetividade (namoros), que hoje muitas vezes ultrapassam as fronteiras do simples
(P. 6)

Alguns professores (P. 24, 23, 30) ainda relataram que as estudantes não tem tanto interesse assim em conhecer ou interferir sobre os corpos. Vejamos a fala de uma professora (P. 23):

interessa, o . Talvez, os professores associem esse desinteresse a certo desleixo com a estética e a higiene, de que é necessário um cuidado individual com o corpo físico no sentido da aparência saudável. Assim podemos perceber que boa parte dessa discussão sobre o corpo refere-se mais ao organismo e não sobre o corpo enquanto expressão material do ser humano.

Considerações Finais:

Ao procurar finalizar este texto, acreditamos identificar alguns aspectos importantes do ponto de vista da pesquisa realizada, sobretudo nas concepções de corpo e saúde apresentadas pelos professores e professoras investigados.

Em relação ao corpo, foi possível identificar de maneira geral que os professores investigados apresentam ainda uma concepção de corpo fragmentada, dualista, a qual é identificada pela separação entre os componentes objetivos e subjetivos, entre os componentes biológicos e culturais (forma, capacidade física, estética e educação, inteligência, entre outros), embora em alguns momentos, tenha sido possível observar elementos da busca por superar dualidades.

Assim, concordamos com Eufrásio e Nóbrega (2007) acreditando ser necessário que os agentes do campo da Educação Física buscar superar concepções reducionistas de corpo e compreendendo as múltiplas dimensões humanas:

É necessário que, primeiro nós profissionais, mudemos esse pensamento reducionista nos conceitos de corpo, saúde e estética, para depois começarmos a despertar uma nova consciência para nossos alunos, rompendo de forma crítica com esses paradigmas reducionistas atuais, pois continuar restringindo nosso próprio horizonte é uma atitude um tanto quanto limitada [...] (Eufrásio & Nóbrega, 2007, p.166).

Os dados desta pesquisa parece também oferecer subsídios consideráveis para identificar uma nova perspectiva de entendimento crítico da relação com o corpo, a

gungv c eq"fc"uc fg"gu c'o cp hguc eq" c"hrqt-da-r grg "g'fcu'o r nec gu'r g'fc i ecuf'guuc'

relações, que não podemos nos esquecer, muito se interligam as relações de gênero e sexualidade também.

Há indicadores, também, de uma estetização da saúde entre os professores investigados, afinal a saúde é considerada aparentemente pela aparência corporal, o que

ejco co qu' cs " fg" uc fg' c" hrqt-da-r grg ." peq" ugp'q" guc" uc fg. portanto, uma saúde referente às múltiplas dimensões humanas, em um conceito de saúde ampliada, não se colocando como uma saúde multi referenciada, uma saúde que com certeza não têm como foco os aspectos destacados no Relatório final da 8ª Conferência Nacional de Saúde (Brasil, 1986, p. 4), pois essa é considerada como sendo a

[...] resultante das condições de alimentação, habitação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. É, assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida.

Também a questão da sexualidade, expressa no corpo também foram questões abordadas pela pesquisa. Discutir mais sobre a erotização do corpo com as estudantes parece ser uma questão que os professores destacam. Tal discussão também se relaciona com o fetiche, na medida em que a imagem de erotização do corpo, no corpo reificado, passa a tornar-se objeto de desejo do indivíduo.

cdgt c"cs " pfc i cto qu'ug'q" e fct"fc"eno gpvc eq "g'tgcn ct" cvx fcfgu'huecu " são realmente elementos que têm relação com uma realidade fetichizante do corpo, que precisa ser moldado aos padrões de beleza difundidos pela Indústria Cultural, ou se podem vir a ser práticas amplas num contexto de completude humana? Afinal, compreendemos que é necessário que a Educação Física escolar aponte para o desenvolvimento das múltiplas dimensões humanas.

Referências

- Baptista, T. J. R., Moreira, J., Vieira J. M., Neto, Rolim, T., Rodrigues, D., Santos, O. R. R., De Brito, J. C., Carvalho, A. J. R., Silva, L; de O., Ferreira, T. M. da S. (2010, Setembro). Reflexões sobre o Corpo em Academias de Ginástica de Goiânia. *Anais do IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte e I Congresso Distrital de Ciências do Esporte*, Brasília, DF, Brasil. Recuperado em 26/04/2011 de: <http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/4concoce/4concoce/paper/viewFile/2590/1159>.
- Barbosa, S. R. (1996). *Corporeidade: quais são as concepções de corpo presentes nos discursos dos professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Uberlândia*. Dissertação de Mestrado em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.
- Brasil (1986). Ministério da Saúde. *Relatório Final da 8ª conferência Nacional de Saúde*. Brasília, DF, Brasil: Ministério da Saúde.
- Canguilhem, G. (2005). *Escritos sobre a medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Eufrásio, J. J. G. & Nóbrega, T. P. (2007, Novembro) Que corpo é esse? Saúde e estética na academia de ginástica. *Livro de Memórias do IV Congresso Científico Norte-Nordeste*. Recuperado em 09/05/2011 de http://www.sanny.com.br/pdf_eventos_conaff2/Artigo22.pdf.

Fraga, A. B. (2008). Histórias sobre o corpo educado no Brasil. *Educação em Revista*. 47, 289-292.

Goellner, S. V. (2009). A Produção de corpos hígidos: atividade física, saúde e nacionalismo no Brasil no início do século 20. In: GRANDO, B. S. (Org.). *Corpo, educação e cultura: práticas sociais e maneiras de ser*. Ijuí: Ed. da Unijuí.

Hasse, M. (2009). Branca, limpa e alinhada: a ressignificação da natureza no processo de transformação do corpo feminino (1938-1972). In: GRANDO, B. S. (Org.). *Corpo, educação e cultura: práticas sociais e maneiras de ser*. Ijuí: Ed. da Unijuí.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Pirâmide Etária em Goiás Censo 2010*. Recuperado em 25/04/2011 de http://www.ibge.gov.br/censo2010/piramide_etaria/index.php.

Lüdorf, S. A. (2005). A Prática pedagógica do professor de Educação Física e o corpo de seus alunos: um estudo com professores Universitários. *Revista Pensar a Prática*. 8(2), 243-255.

Mendes, M. I. B de S. & Nóbrega, T. P. (2009). Cultura de movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura. *Revista Pensar a Prática*. 12(2), 1-10.

Nóbrega, T. P. (2001). Agenciamentos do corpo na sociedade contemporânea: uma abordagem estética do conhecimento da Educação Física. *Revista Motrivivência*. 7(16), 1-11.

Silva, A. T.; Silva, A. M. & Baptista, T. J. R. (2010). Saúde "hqt-da-r grg A"r gtegr gu'f'g" corpo e saúde de professores da rede pública de educação em Goiânia (GO/BRASIL). *Anais da 63ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência*. Recuperado em: 08/01/2012 de: http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/trabalhos-pibic/ANG__LIC.PDF.

Vaz, A. F. (2002). Aspectos, contradições e mal-entendidos na educação do corpo e a infância. *Revista Motrivivência*. 13 (19), 1-7.

Vaz, A. F. (2003). Corpo, educação e indústria cultural na sociedade contemporânea: notas para reflexão. *Revista Pro-Posições*. 14(2), 41, 61-75.